

Os vieses dos vínculos humanos

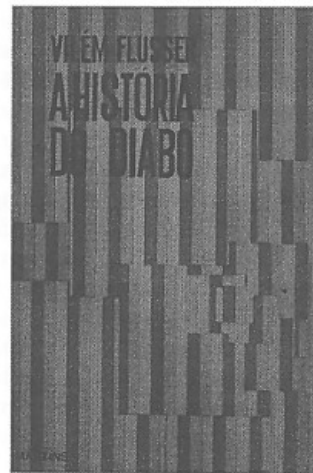
FLUSSER, Vilém. *A História do Diabo*. São Paulo: Martins Fontes, 1965.

Mônica Maria Martins de Souza

Mestre em Administração pela Universidade Mackenzie

Doutoranda em Comunicação e Semiótica - PUC/SP

Docente da UNIP e pesquisadora do CISC - Centro Interdisciplinar de
Semiótica da Cultura e da Mídia. prmonica@terra.com.br



Na obra *História do Diabo* Flusser estabelece cenários com realismo hipotético e bases antropológicas que lhe valem a alcunha de futurólogo da mídia. Supera a sacralidade e fala do sagrado, do profano e da liberdade da vinculação humana, de forma polêmica e atual.

Provoca reflexão e satiriza o nascimento do mundo, uma brincadeira de pião que se precipita e despedaça, originando o universo. Os pedaços desprendidos e dispersos, até hoje fogem do centro. Entre eles, a Terra, em sua rotação, e o nômade, em sua fuga permanente. Nesse contexto de jogo, abriu caminhos para percebermos a comunicação como surpresa, como destaca Thomas Bauer, ou a comunicação como um processo probabilístico, nunca determinístico, como propõe Norval Baitello.

O judeu tcheco Vilém Flusser (1920-1991) viveu cerca de vinte anos no Brasil e, provo-

cado por esse país canibal, transformou-se em um escritor antropófago.

A obra *História do Diabo* apresenta temas que se entrelaçam. Ilumina a luxúria, o sexo, a ira, a liberdade e a lei, engrenagens díades e nos desafia a evitarmos ou entregarmos-nos à prática dos pecados. Relaciona o diabo à confusão, à inquietude e a Deus. Evoca e aproxima-se do príncipe das trevas, divindade atemporal e imortal, que nada na correnteza do tempo e a dirige. Seduz o leitor, quando aborda a luta do diabo com Deus pelo poder sobre os homens. Penetra na expressão "história do diabo" invocando os termos: *Geschichte* - história, e *Schichte* - camada, da língua alemã. Sugere que o tempo começou com o diabo, e que o avanço da humanidade é sua obra majestosa. Diabo e história se confundem com o homem e a própria existência

do diabo se justifica pelas suas manifestações no homem.

Sugere que o diabo é mais próximo do que Deus, mostra que somos semelhantes a ele e que segui-lo é mais fácil que seguir a Deus. Lembra que o diabo conhece o seu dever, e que nós, ao duvidarmos dos nossos deveres, pela liberdade, nos perdemos.

Ao que os religiosos chamam de "pecados" o autor chama de características humanas, às quais estamos intimamente vinculados. A soberba é autoconsciência. A avareza, economia. A luxúria, instinto de afirmação. Inveja, luta pela justiça e liberdade política. Ira, recusa em aceitar as limitações impostas ao homem. E tristeza ou preguiça, meditação calma da filosofia.

Ao ler o trabalho de Flusser lembramos que Erasmo de Roterdan, na obra *Elogio à Loucura*, classifica nossas características diabólicas como os sete pecados capitais, chamando-os de loucura, *stulticiae*. Erasmo considera os pecados berço da loucura, do prazer e do amor livre, portanto coisa do diabo, ela é filha de Júpiter e Neotetes, a juventude. Nasceu rindo e amamentou-se da embriaguês. Vive acompanhada de Philavtia, a soberba; Kolaxia, a avareza; Lethes, o esquecimento; Misoponia, a preguiça; Idinis, a luxúria; Ania, a ira; Throphis, a gula; e, por fim, Nigreton Hypnon, o sono.

Aqui podemos estabelecer relações entre Flusser, Erasmo de Roterdam e Sófocles, que considera a sabedoria como o veneno da vida. E diz que é mais fácil viver enlouquecido, pois a loucura dá à infância a graça, que desaparece na juventude. E, à velhice, dá Lethes, o esquecimento das mágoas.

Flusser considera que escrever sobre o diabo é embrenhar-se em confusão ética, portanto, pecar, mas não escrever é tornar-se autoconsciente disso. Refletir a respeito é deparar-se com a dúvida, essência do homem. Viver é lançar-se ao inferno, tão ou mais prazeroso que os céus.

Através de cenários, de imagens e da discussão a respeito das imagens, Flusser oferece uma grande contribuição à teoria da mídia, tratada a partir da concepção das relações espaciais, a partir da criação de vín-

culos. Lembra do mito do início e do tempo como dimensão do espaço. No início, o Senhor deu a corda, de onde se desenrolaram o céu e a terra. Quando ela desenrolasse inteiramente, o início estaria findo. Sendo isso obscuro, e na obscuridade, o significado se esconde e se revela, criaram-se, céu e terra, espaço e tempo. Então, Deus arrancou um pedaço do ser em si e o mergulhou na correnteza do tempo. A identidade entre o tempo e o diabo torna-se, então, o princípio do progresso, transformação da realidade em irrealidade.

Segundo o autor, o mito da vida é a roda, que os hindus chamam "*sansara*", vítima do eterno retorno do sempre idêntico. Os homens dançam, com as máscaras e alegorias de deuses e demônios. Sedam suas mentes e, pela morte, culpam o diabo.

Essa ação simbólica, expressão de cultura, que Ivan Bystrina chama de *segunda realidade*, se imbrica com a *primeira realidade* e faz com que o espaço e o tempo se contaminem reciprocamente. Espaço e tempo do universo simbólico, do mundo dos mitos, se impõem sobre o mundo da natureza.

Aqui, encontramos o simulacro, lugar em que a existência é possibilidade de auto-superação. Os psicólogos chamam de sublimação, os comunicólogos de representação e para Flusser é a saída do universo do corpo e a entrada no universo de imagem.

No início o mundo sobrenatural se defrontava com o natural. No primeiro, os deuses se apoderaram das leis e no segundo entregaram-nas aos homens, libertando-os. O mundo passou para o domínio de Ananke, a deusa da obrigação, como afirma James Hillman em *Encarando os Deuses* (São Paulo: Cultrix, 1980). E o sobrenatural foi incorporado pelo mundo simbólico da ciência. Espaço do diabo.

O autor conclui que o percurso foi uma viagem na barca do diabo, sem rumo e sem preconceito, deixando o barqueiro nos levar por um rio. Pede desculpas pelas quedas d'água durante a aventura, dá adeus ao diabo, pedindo-lhe que nos abandone e procure outros campos de caça. Como se fosse possível dar a/deus ao diabo.